



## RECENSÃO

*Aliyah. Estado e Subjetividades  
entre Judeus Brasileiros em Israel/Palestina,*  
de Miguel Vale de Almeida,  
por Maria Cardeira da Silva

---

*Análise Social*, LVI (1.º), 2021 (n.º 238), pp. 194-196

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2021238.10>

ISSN ONLINE 2182-2999

---

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa Portugal — [analise.social@ics.ul.pt](mailto:analise.social@ics.ul.pt)

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2021238.10>



ALMEIDA, Miguel Vale de  
*Aliyah. Estado e Subjetividades entre Judeus Brasileiros em Israel/Palestina*,  
 Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2019, 194 pp.  
 ISBN 9789726715597

Maria Cardeira da Silva

Este é um livro de Antropologia, de uma antropologia contemporânea que dá voz aos seus interlocutores, não para os representar e assim continuar a outrificar e subalternizar, mas contando a, e com a, sua agência, de forma concertada, para dar inteligibilidade às suas próprias realidades culturais e políticas.

Mas Miguel Vale de Almeida sabe bem que nesse exercício difícil de construção de um olhar neutro espreita sempre a suspeição de escamoteamento do enviesamento político por detrás de um alegado alheamento. Ainda mais quando se trata de um universo tão saturado politicamente como é o de Israel e/ou do judaísmo.

O autor antecipa a suspeita, ao construir um livro (rebelde, resultado de um projeto sem financiamento e alheio a agenda) em duas partes: a primeira, mais analítica, sobre sionismo, identidade judaica e fundação do Estado de Israel; outra, mais etnográfica, em interação com interlocutores brasileiros que fizeram a *Aliyah*. Dá assim aos leitores a escolha de ouvirem de modo mais sonante a sua própria voz (na primeira parte), ou de preferirem a dos seus entrevistados (na segunda), ou de juntarem

ambas lendo o livro todo, o que, na verdade, cumpre melhor a sua função anunciada: a de tomar o Estado de Israel como um laboratório para pensar toda a série de narrativas da modernidade tabeladas pelo secularismo, o liberalismo, e o nacionalismo (podíamos acrescentar ainda o colonialismo). Israel é aqui entendido como um *Estado ventríloquo* dos oxímoros dessas narrativas. Isso porque é um Estado a funcionar *demasiado* e *em pleno*.

Entre as páginas 16 e 17 diz: “Em vez de deixar o leitor em suspense, ou salivando na procura de uma posição escondida na trama do texto – ou entrevista na facticidade deste livro – eis a minha posição”. Mas aqui não digo eu qual é essa posição, respeitando a vontade do autor de deixar em aberto a possibilidade de os leitores não a quererem conhecer, pelo menos antes de lerem o resto.

Um desses paradoxos da modernidade, de que Vale de Almeida fala na introdução, está logo encapsulado na ideia de *Aliyah* que dá título ao livro. A palavra é hebraica e significa «ascensão». Isso eleva-nos a uma dimensão metafísica, que nos remete para o círculo religioso do judaísmo. Contudo, o termo é moderno, secular e, acima de tudo,

nacionalista, já que resume o movimento e processo de aquisição da cidadania israelita. A contradição evidencia-se mais quando sabemos que essa ambição é apenas concedida a judeus, por um Estado alegadamente secular. Apresentando-se como uma democracia liberal, Israel é um Estado dos e para os judeus (embora isso só tenha sido formalizado em 2018), que exclui do privilégio da cidadania, antes de outros, os próprios palestinos diasporizados pela *Naqba*, a *catástrofe* – como a designam os palestinos – que deu início à guerra Israel-Palestina.

Para além disso, se é o Estado que define quem são os seus cidadãos – coisa que foi gerindo ao longo do tempo de acordo com as suas próprias necessidades de pressão demográfica, acentuando critérios *fuzzy*, ora o critério étnico, ora o critério religioso, e gerindo hierarquias culturalizadas como as dos *azquenazitas* (europeus, “ocidentais”) vs. *mizhraitas* (árabes/ “orientais”) – é também o Estado que os configura. E fá-lo logo a partir do poder pastoral de configuração dogmática e performativa das subjetividades que integram a *Aliyah* (através da aprendizagem do hebraico e princípios e normas culturais para a “absorção” no país).

A dimensão laboratorial do Estado de Israel exponencia-se, por isso, para a análise das tecnologias pedagógicas do Estado, na medida em que os requerentes da *Aliyah* fazem-no enquanto adultos, solicitando a sua cidadania por escolha própria e não a adquirindo automaticamente, por exemplo, por *jus soli*. Os sujeitos sujeitam-se à configuração de uma nova subjetividade por parte do

Estado (pleonasmos assumidos). E é isso que Miguel Vale de Almeida vai explorar na segunda parte do livro, e que justifica o subtítulo *Estado e Subjetividades entre Judeus e Brasileiros em Israel /Palestina*.

A escolha de interlocutores brasileiros, que fizeram *alioth* (pl. de *Alyah*) banais, é desarmante pela exotização que isso opera no terreno israelita, globalmente mediatizado através do par em conflito judeu/árabe. Esta escolha abre o campo para outras leituras mais límpidas, levando a suspender, heurísticamente e por um momento, o habitual turvamento político apriorístico.

A partir da recolha de visões subjetivas – que faltam para este contexto, mesmo na academia, e que não implicam a sua despolitização, mas antes a complexificam –, o autor tenta exhibir as motivações de homens e mulheres brasileiras que fizeram a sua *Aliyah* em diferentes momentos históricos e políticos de Israel, e o modo como lidam com as ilusões e desilusões das suas escolhas e do seu dia-a-dia.

A diversidade do grupo é, na verdade, mais de idade do que social – todos são de classe média ou média-alta – e ainda assim a faixa etária é estreita, o que faz com que a maior parte dos interlocutores tenha seguido as migrações juvenis que idealizaram os *kibutzes* nos anos 60 e 70 e/ou as migrações cosmopolíticas mais contemporâneas de vaivém. A nacionalidade de origem exclui-os a todos, também, da subalternidade dos judeus *resgatados* nos países do Médio Oriente (ou mesmo dos *sefarditas* – de origem ibérica – a que muitos genealogicamente

pertencem). Mas, ainda mais pela sua relativa homogeneidade, a amostra (que, em qualquer caso, nunca pretendeu ser representativa) é eloquente porque permite colocar estes homens e mulheres no quadro de “normalidade” das expectativas e/ou desilusões de todos aqueles que emigram para uma qualquer parte do mundo *por uma vida melhor*, e onde amiúde se encontram mescladas motivações religiosas, económicas, políticas e/ou biográficas: a busca do socialismo numa época de ditadura no Brasil, a necessidade económica ou de segurança, o trauma, um desgosto amoroso ou, pura e simplesmente, a ausência de outro qualquer projeto de vida.

Essas motivações e configurações subjetivas prévias não foram, em muitos casos, mitigadas e condicionam as subjetividades e agência em Israel: reivindicando o sionismo pós-nacionalista, aderindo aos Combatentes para a Paz ou à causa palestiniana, assumindo o “ser de cá, não gostando”, vivendo na “bolha” hedonista de Telavive ou aderindo a partidos de direita e legitimando a ocupação: em todos os casos vivendo a vida *normal* que é, ali, a de uma *hipernormalidade*

*estridente*, de uma *aparente normalidade de um estilo de vida ocidental*, que tem como pano de fundo *uma hiperanormalidade silenciada: um conflito agonizante e a anormalidade da discriminação da ocupação e dos períodos de violência*.

Encetada tão eloquentemente, seria interessante prosseguir esta hipérbole da modernidade em Israel/Palestina acompanhando as subjetividades dos brasileiros que voltam à Palestina, ou que transitam entre ela e o Brasil. Isso para além desse outro livro por escrever – sobre judeus da e na diáspora cosmopolita em trânsito entre o Brasil e Portugal – que Miguel Vale de Almeida anuncia nas últimas páginas, e que esperamos com o entusiasmo que a leitura deste nos instigou.

---

SILVA, M.C. da (2021), *Recensão “Aliyah. Estado e Subjetividades entre Judeus Brasileiros em Israel/Palestina*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2019”. *Análise Social*, 238, LVI (1.º), pp. 194-196.

---

Maria Cardeira da Silva » [m.cardeira@fcsh.unl.pt](mailto:m.cardeira@fcsh.unl.pt) » Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA-NOVA FCSSH) » Avenida de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0002-7300-9482>.

---